



*antónio reis*  
*poemas quotidianos*



PREFÁCIO  
FERNANDO J.B. MARTINHO

POSFÁCIO  
JOAQUIM SAPINHO

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
PEDRO MEXIA

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
MMXVII

© 2017, herdeiros de António Reis e  
Edições Tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *Poemas Quotidianos*  
Autor: António Reis  
Prefácio: Fernando J.B. Martinho  
Posfácio: Joaquim Sapinho  
Coordenador da colecção: Pedro Mexia  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Julho de 2017

ISBN 978-989-671-387-4  
DEPÓSITO LEGAL N.º: 428189/17

7  
Prefácio  
*Fernando J.B.Martinho*

17  
Poemas Quotidianos

119  
Posfácio  
*Joaquim Sapinho*

PREFÁCIO  
FERNANDO J.B. MARTINHO

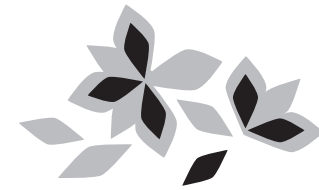
Para os que guardam na memória a imagem do cineasta, autor de filmes extraordinários, com Margarida Cordeiro, na segunda metade dos anos 70 e nos anos 80, especialmente *Trás-os-Montes*, a poesia de António Reis (1927-1991) constituirá, certamente, uma grande revelação. Para aqueles, em menor número, que tiveram conhecimento da inclusão, em 1967, dos *Poemas Quotidianos* na colecção Poetas de Hoje, da Portugália Editora, com prefácio de Eduardo Prado Coelho, não deixará, por sua vez, de ser motivo de forte regozijo esta reedição, que há muito tardava e se impunha. O livro, que coligia *Poemas Quotidianos*, de 1957, e *Novos Poemas Quotidianos*, de 1960, ambos patrocinados pelas «folhas de poesia» *Notícias do Bloqueio*, do Porto, e inéditos, compunha-se, no seu conjunto, de cem poemas datados do período compreendido entre 1952 e 1962. O volume de 1967, reaparecido agora num contexto completamente diferente do país e da lírica nacional, inseria-se numa colecção de grande prestígio à época, em que figuravam ou viriam a figurar nomes cimeiros da moderna poesia portuguesa, como por exemplo Carlos de Oliveira, Eugénio de Andrade, Sophia, Herberto e Jorge de Sena. Os livros editados sob a égide de *Notícias do Bloqueio*, uma publicação que se situava no âmbito do que habitualmente se considera uma segunda

fase do neo-realismo, não eram os primeiros do autor e representavam uma profunda diferença relativamente ao que até então ele tinha dado à estampa. Para marcar de forma nítida a metamorfose que em si se operara, apagou-os o poeta da sua bibliografia, à semelhança do que outros autores fizeram. As razões para explicar tal mudança, que genericamente se caracterizava por uma extrema e bem consciente concentração dos meios expressivos, não são fáceis de apontar, como, em regra, acontece com as epifanias (chamemos-lhe assim, à falta de melhor) que levam a essas alterações radicais. Uma conhecida ensaísta norte-americana, Helen Vendler, ocupou-se da questão num livro fascinante de 2003, *Coming of Age as a Poet*, em que se debruça sobre os *primeiros poemas perfeitos* de alguns poetas, aqueles que conferem individualidade à sua voz no contexto da lírica da época. Ou seja, para recorrer às suas palavras, os textos em que o poeta, «com confiança, mestria, e, acima de tudo, sem esforço», alcança a sua maturidade. Falou-se, então, de Guillevic, cuja poesia contida e enxuta parecia ser das preferências dos poetas das *Notícias*, que o traduziram no terceiro fascículo das «folhas». Mas poder-se-ia mencionar também um Ricardo Reis, na brevidade de grande parte das suas odes, mas sem o arrevesamento sintáctico que o distingue, se nos lembrarmos que, anteriormente à publicação do pequeno volume de 1957, António Reis chegou a anunciar a publicação de um estudo sobre «Fernando Pessoa, Ricardo Reis e as suas *Odes*» e que, em dois poemas do livro de 1967, contrapõe mesmo um nome, o de Clara, ao das etéreas Lídia, Neera e Cloe do heterónimo pessoano: «Que foi feito de nós/ Ah Clara nada invejes// todos mais ou menos/ ficamos tolera-

dos/ e aguardando// receando como tu/ o desemprego e a velhice// vendo/ crescer/ os nossos filhos sem sorrir». Não é igualmente de excluir a possibilidade de o poeta conhecer a tradição do *haiku* japonês, antes da ajuda que deu a Paulo Rocha na tradução dos *50 Haiku* que este publicou na Moraes em 1970. Todas estas hipóteses, a justificarem-se, situar-se-iam a nível da catálise de que fala T.S. Eliot no famoso ensaio «A tradição e o talento individual», e a singularidade da poesia de António Reis é uma evidência indesmentível. Por outro lado, convirá lembrar que até o mais simples, despojado, dos poetas não deixa de ser um poeta informado, com clara autoconsciência literária e sabedor de que se integra numa tradição. Curiosamente, em alguns dos volumes que rasurou da sua bibliografia, António Reis fazia anteceder os textos daquilo que poderíamos ler como uma espécie de legenda identificadora: «Eu já sou uma continuação dos outros/ Como outros serão uma continuação de mim...»

O Portugal dos anos 50 e da transição para a década seguinte é um país em que amplos sectores da população vivem no limiar da pobreza ou numa apertada mediania. É essa a realidade que, em larga medida, se espelha nos poemas elípticos de António Reis, alheios à ênfase retórica e ao tom protestário da lírica de alguns dos seus contemporâneos, e que, antes, atentam nos pequenos nada do quotidiano, na banalidade de um dia-a-dia de limitados horizontes. Os textos falam de gente que passaja, vira, tinge a roupa, ou a deixa, depois de lavar, a enxugar de noite, para a vestir de novo de manhã quando vai para o trabalho. Tudo isto numa linguagem simples, de «poucas palavras», como um cineasta seu amigo um dia dele

POEMAS  
QUOTIDIANOS



Deu meia-noite  
és livre  
os guardas olham as montras

vêem o preço dos coturnos  
e dos lenços

não mais se lembrarão de ti

só se o luar nascer  
ou a manhã

ou se gritares

Há sempre um rapaz triste  
em frente a um barco

a água é sempre azul  
e sempre fresca

Em que país encontraria  
um emprego e esquecimento

em que país encontraria  
amor e compreensão

em que país  
sentiriam  
a sua vida e a sua morte

Não respondem as gaivotas  
porque voam

Há sempre um rapaz triste  
com lágrimas nos olhos  
em frente a um barco

Aos domingos

aos domingos o golo no estádio  
chega até minha casa  
e até ao mar

O próprio sol  
é uma imagem de couro no espaço

a chuva  
uma imagem de redes batidas

Ah Que fazer  
senão esperar pela semana

dormindo



Chega a ter gosto  
a chuva  
vista dos cafés

caindo sobre as estátuas  
e a nostalgia

chega a ser morna

com fumo e álcool  
na garganta

Até os homens passarem  
junto aos vidros

reais  
molhados

sem emoções instruídas

pensando em remédios  
e prestações

grisalhos  
sem serem velhos

e falando sós  
sem serem loucos

Hei-de entrar nas casas  
também

como o silêncio

A ver os retratos dos mortos  
nas paredes  
um bombeiro um menino

A ver os monogramas bordados nos lençóis

os vestidos virados  
os vestidos tingidos  
os diplomas de honra  
as redomas

E a caderneta de Socorros Mútuos  
e Fúnebres

em atraso

Hei-de entrar nas casas  
também  
como o luar

A ver as faltas de roupa interior  
e de cama

os rostos preocupados  
com os avisos da luz e da água

com a máquina de petróleo apagada  
jornais nas paredes  
e um pássaro na varanda  
a cantar  
ao lado de uma flor

Não fumo apenas  
ao ver passar os homens pelos passeios

não fumo mesmo

Há uma ternura  
que encontro e que possuo  
perdida amargamente  
por não nos olharmos  
sequer

Bate coração  
no peito que te guarda

lâmpada  
suspensa

fruto com cadência

estrela  
em rotação pelos telhados

Bate coração

até as sombras se alongarem  
pelos braços

*Porto 1952-1962*

*Para a Ana Reis*

1. António Reis foi meu professor na Escola de Cinema do Conservatório, no final dos anos 80. Mostrou-nos um filme em cada ano. Vimos na mesa de montagem *Alemanha Ano Zero*, de Rossellini (1948), bobina a bobina. Depois estudámos cada bobina separadamente, depois cada cena, depois cada plano, depois os *raccords* verticais de cena para cena e de bobina para bobina. No final do ano já havia poucos alunos na sala de montagem. A questão era o gigantismo das ruínas de Berlim em contraponto com Edmund, uma criança da juventude hitleriana. De como a forma humana intacta de Edmund era apenas uma sombra, também ele era uma ruína mas interior. Para António Reis as formas tinham vida. O que ele ensinava era a atenção às formas. Retirava-nos da distração da história superficial. O exterior das formas revelava o interior da vida de Edmund. A cena mais importante não é a do seu suicídio, é o momento lírico em que caminha entre as pedras das ruínas, quase como num sonho, que verdadeiramente contém a decisão do suicídio. Partilhávamos um olhar em que, por um lado, as formas eram o centro de tudo, mas a verdadeira narrativa era a das sombras.

Também estudámos com todo o detalhe *O Grito*, de Antonioni (1957). O filme conta a errância de Aldo, um



*poemas quotidianos*



de António Reis  
foi impresso na Rainho & Neves,  
em papel CoralBook de 90 g, em Junho de 2017.